LAÇOS PARTIDOS: ESTUDOS DA DECADÊNCIA FAMILIAR

Danilo Sales de Queiroz Silva[1] (UFBA)

Mirella Márcia Longo Vieira Lima[2] (UFBA)

Resumo: Investigamos a recorrência do tema da decadência familiar partindo do romance *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Analisando aspectos da disjunção parental que aparecem na narrativa, comparamo-la com a de romances afins, como *Os Maias* de Eça de Queirós. Traçamos alguns paralelos entre as obras estudadas, verificando algumas linhas de forças que nos permitem associá-las: o tratamento complexo da união familiar, a representação metonímica do laço simbólico da sociedade a qual os escritores se referem, a crítica à disjunção geracional. Classificando os textos como romances de decadência familiar, notamos que, nas narrativas em estudo, a quebra entre gerações conduz à queda familiar e, em grande parte das vezes, é concomitante à contaminação de todo ambiente - seja a natureza, a saúde dos personagens ou o universo político em crise. A maldição que parece presente de maneira contínua em certa tradição lusófona - como faz lembrar a inicial "M" em diversos sobrenomes das famílias destruídas, como os Meneses de *A crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso - desencadeia a desagregação do grupo familiar, desde sempre ameaçado pelo germe da diferença que se encontra na sua formação. Estudamos as famílias como representações metonímicas das sociedades e das nações em que se desenrolam as histórias dos romances, apontando para a crítica que fizeram os romancistas sobre o seu próprio tempo. Por meio da análise das crises por que passavam os ambientes em que viviam, os escritores parecem associar as trajetórias destrutivas dessas famílias em queda aos caminhos que tomava a sociedade de suas épocas.

Palavras-chave: Literatura comparada. Decadência familiar. Crítica social. Romance.

A apresentação está centrada nos rumos da pesquisa que desenvolvo com a orientadora nos últimos anos.

Como tema da pesquisa de mestrado no PPGLitCult da UFBA, estudei a desestruturação familiar que aparecia em alguns romances, destacadamente *Os Maias* (de Eça de Queirós), *Os Buddenbrooks* (de Thomas Mann) e *Cinzas do Norte* (de Milton Hatoum). O que me interessava nesse estudo era a perspectiva de comparação entre os textos com a intenção de sondar os sentidos que cada narrativa colocava em jogo a partir da representação da queda da família – protagonista comum nas tragédias familiares que se desenrolam nos romances. Tento descrever, com certa brevidade, o percurso anterior a essa pesquisa e o desenrolar da atividade de comparação entre esses textos, cujas temáticas se assemelhavam.

---

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da UFBA.

[2] Professora titular em Teoria Literária e Literatura Comparada, atuando na graduação e no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA e pesquisadora do CNPQ.

Durante a graduação, com bolsa PIBIC, desenvolvi trabalho de iniciação científica, também sob orientação da Prof. Dr. Mirella Márcia Longo, sobre a "Decadência familiar na literatura brasileira" (2009) – nome do texto apresentado como resultado final da pesquisa. Nesses primeiros momentos, estudei o romance *Cinzas do Norte*, analisando a figura do patriarca que aparecia no romance. O conflito entre Trajano, patriarca da família Mattoso, com o filho Raimundo é determinante para o desenrolar da trama e encaminhou minha análise para essa tensão. No mesmo período, por indicação da orientadora, li alguns romances em que esse conflito aparecia com maior força. *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, foi arrebatador e mudou algumas estratégias de análise que haviam determinado meu ponto de vista em relação aos romances de tragédia familiar.

Em meu estudo inicial do romance de Hatoum, a figura de Jano, epíteto pelo qual o patriarca é conhecido, parecia central à narrativa. A forma como é chamado remete à simbologia do deus romano, associado aos ciclos opostos (o início que se conecta ao fim, a entrada que se conecta à saída, daí sua imagem de "guardião das portas"), especialmente o ciclo de guerra e paz[3]. Acompanhado sempre por seu cachorro Fogo, a imagem do pai de Mundo – maneira pela qual Raimundo é chamado – é conectada ao universo empresarial que se beneficia do "milagre econômico", fazendo coro ao encômio que servia como suporte ideológico da ditadura militar. Nessa perspectiva, Jano representava, assim como seu pai – que veio de Portugal "sem um tostão no bolso" – um homem que "acreditava na civilização, no progresso" (HATOUM, 2005, p. 35). O sentido da leitura apontava então para a crítica do escritor manauara a essa geração que consolida o *progresso destrutivo* no cenário brasileiro. O princípio do fogo, atrelado ao universo selvagem, já que encarnado num cão, indica a companhia escolhida pelo patriarca, aliança que aparece como indissolúvel. Ao mesmo tempo, as manchas amarelas do pelo do animal são associadas por Trajano ao ouro: Fogo é um de seus "tesouros". Animal submisso ao pai, o cachorro parece ecoar a "obediência estúpida" ao regime ao qual Mundo se opunha.

[3] Parafraseio a descrição feita em *O livro de ouro da mitologia*. Sobre a relação do deus Jano com a guerra, diz-se "Seus templos em Roma eram numerosos. Em tempo de guerra suas portas principais permaneciam abertas. Em tempo de paz, eram fechadas. Só foram fechadas, porém, uma vez no reinado de Numa e outra no reinado de Augusto" (BULFINCH, 2002, p.17).

Após a leitura do romance de Raduan Nassar, passei a me interessar mais pela "revolta"[4]. Em *Lavoura Arcaica*, o escritor paulista coloca no centro da trama o conflito de André com sua família, principalmente com a ordem moral determinada pelo patriarca. Publicada em 1975, a narrativa conta da disjunção que se dá na família pela fuga de um dos seus membros, incapaz de manter laço com a ordem social instituída pelo pai austero. Desfalcado, o grupo deve tentar se reunir, de acordo com as normas que regem aquele ambiente arcaico. O personagem Pedro, irmão de André, surge então para tentar reatar o nó desfeito pela rebeldia do filho desgarrado. Como uma inversão da parábola do filho pródigo (Lc, 15, 11-32), o retorno de André não provoca a esperada reunião em júbilo da família, feliz pelo membro que se tinha perdido e achou-se. Ao contrário, seu regresso culmina em morte numa cena trágica que deixa em primeiro plano a desagregação da família como sinal da narrativa.

O confronto entre as narrativas permitia assim uma compreensão mais abrangente do fenômeno da desagregação familiar: ambos os autores apontavam para uma ruptura entre gerações, mais especificamente para o confronto entre as posições de pai e filho. Mundo é artista, simpático aos índios, amante da natureza, ligado às artes e contrário ao projeto político entoado à época. André é colérico, incestuoso, ébrio, apaixonado, impetuoso e avesso à ordem moral condensada na figura paterna. Os filhos, nesses romances, evocam desvio, aspecto não aceito pela ordem paterna. Nassar e Hatoum, ambos autores descendentes de libaneses, parecem expor a marca aberrante da incapacidade de formação de vínculos que atinge o corpo social. Escrevendo ainda no período ocupado pela ditadura militar, o narrador de *Lavoura* marca o final do romance com a morte do filho pelo pai – morte do desvio, mas também da novidade, da continuidade das gerações, da sociedade. Esse aspecto saturnino parece ser desdobrado pela visão cerradamente trágica do narrador de *Cinzas*: pai e filho morrem e a disjunção que apresentam se espraia pelo ambiente, tecendo um comentário ao regime militar e suas consequências, numa narrativa publicada vinte anos depois de seu término (em 2005). Nesse sentido, a pesquisa começava a entrelaçar "Relações familiares e decadência social" (2010) – nome dado ao texto final dessa etapa.

---

[4] Tomo os termos da carta que é lida no início do romance pelo narrador. Lavo, amigo de Mundo e da família Mattoso, recontando a história depois de vinte anos, dá-nos uma pista sobre a personalidade do pintor com uma frase ao fim da epístola: "Ou a obediência estupida ou a revolta!" (HATOUM, 2005, p. 10).

Nessa segunda fase, ampliamos o escopo com a leitura de outros romances brasileiros que apresentavam "Famílias em desordem" (2010) – nome de apresentação da nova etapa da pesquisa. Começava então a leitura do texto de Elisabeth Roudinesco, *A família em desordem*, e tentava aproximações diversas ao tema da família. A partir da leitura de *A tarde de sua ausência* (de Carlos Heitor Cony), percebia a recorrência do tema da desestruturação familiar ligado à crítica social. Apesar de publicado em 2003, o romance apresenta o desenrolar da história dos Machado Alves no Rio de Janeiro no decorrer dos anos 60 – época em que o incesto ocorre. A decadência dessa família de origem portuguesa (assim como os Mattoso) tinha uma ligação com o incesto (assim como ocorre em *Lavoura Arcaica*) e apontava para um desvio que havia na nova geração (desvio do André inflamado e incestuoso, desvio do artista Mundo contrário ao projeto do pai, desvio da rebelde Vera que insinuava a diferença até nos olhos azuis). Não quero reduzir a complexidade e a trama de sentidos que cada romance coloca em jogo, mas antes observar os paralelos entre suas narrativas para desdobrar significados críticos em relação à sociedade, supondo que os autores estabelecem diálogos com a realidade em que vivem.

Procurando o lastro dessa tradição de representar a decadência familiar, a comparação firmou-se na análise de romances. O romance de Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*, foi fundamental nesse sentido. Esse romance, de 1953, portanto anterior a todos os outros estudados, não fazia menção, obviamente, ao período do regime militar, mas indicava ainda uma crítica à sociedade em que vivia o autor. Os Meneses, família composta por dois irmãos com suas respectivas esposas e um terceiro irmão solteiro (Timóteo, um homossexual), habitam quase que isoladamente (o padre, a empregada, o jardineiro fazem parte dos poucos que convivem com a família) uma chácara no interior de Minas Gerais. Apenas uma reminiscência das posses da família, a casa é uma jaula na qual se debatem os parentes, destilando ódio (Ana persegue Nina por uma inveja mórbida), desconfiança (Valdo desconfia da traição da esposa e pensa em suicídio), insinuação de incesto (André e Nina esboçam uma paixão proibida) e violência (mortes são constantes na narrativa). O romance parece encerrar uma crítica ao laço social que conservava aquela classe decadente, de uma morte vagarosa. A esse impulso decadentista ao qual se atrelava uma relação metonímica entre família e sociedade dei o nome de "maldição familiar" (2011), tema estudado ao longo do mestrado em Literatura e Cultura.

A decadência familiar já se impunha como tema e a pesquisa teve como foco a definição do romance de decadência familiar e suas características. Começamos por definir um *corpus* de romances que me levou a extrapolá-lo. *Pais e filhos*, romance de Ivan Turgueniev, talvez o mais importante escritor para a Rússia do século XIX, foi um grande achado nesse percurso. Pesquisando por títulos ligados ao tema da desunião entre as gerações, acabei encontrando a narrativa da vida de Arkadyi e Bazarov. Jovens que vão à faculdade e retornam a suas casas com ideias distintas das gerações anteriores, eles apresentam um desvio em relação aos "homens do século passado", representados por Paviel, tio de Arcádio (ou Arkadyi). O conflito entre os protagonistas e esses homens parece ecoar a agitação por que passa seu país. O niilismo que surge com força em Bazarov não dá frutos (o personagem morre), ao mesmo tempo em que a sociedade antiga parece enredada em velhos códigos obsoletos (Nicolau, pai de Arcádio, mantém um relacionamento às escondidas com uma mulher de "nível inferior", a quem ama).

O próximo romance lido e analisado foi *Os Maias*, romance de Eça de Queirós, que fundamentou mais um passo na jornada da pesquisa. O texto narra as distintas fases dessa família, principalmente os homens de três gerações: Afonso, Pedro e Carlos da Maia. Afonso condensa os bons valores de uma moral sã (ligada aos exercícios, à paixão pela vida, ao ímpeto contra o marasmo), Pedro é fruto de uma educação portuguesa e suas vicissitudes (romantismo, letargia, "melancolia negra") e Carlos é um homem que, inserido nos novos tempos, não consegue dar um direcionamento elevado à própria vida. Envolvido no incesto com sua irmã, acompanhado por seu inseparável amigo João da Ega, conformando-se ao horizonte niilista (o que amplia os traços de comparação entre esse romance e aquele russo), Carlos da Maia não parece um herdeiro capaz de levar à frente o nome da família. A casa que pertenceu a seus antepassados dá mostras de arruinar-se completamente (assim como a casa em *Crônica*, esta é antropomorfizada e "desfalece"). Publicado em 1888, o romance é considerado pelo estudioso Alberto Machado da Rosa como aquele em que o autor mais fustigou a sociedade lisboeta do seu tempo (ROSA, 1963, p. 237).

Em relação ao século XX, duas narrativas chamaram atenção. No romance de Thomas Mann, *Os Buddenbrooks*, vemos sucessivas gerações dessa família e sua situação diante do mundo em que se inserem. A narrativa começa pela descrição da

festa de comemoração de um grande negócio que os colocava como grandes representantes comerciais na cidade, e culmina com a sucessão dos Hagenstrom ao posto de família social e economicamente importante. A tentativa de reprodução familiar (nos moldes do glorioso patriarca Johann) parece frustrada no decorrer do drama dos Buddenbrook, já que Hanno, herdeiro da quarta geração, interessa-se pela arte (assim como Mundo) e não pelo mundo dos negócios familiares, assim como apresenta um traço marcadamente melancólico, o que anuncia seu destino trágico. Publicado em 1901, o romance parece fazer críticas à sociedade decadente em formação (o autor escreve o livro ambientado na cultura europeia que dá mostras da convulsão que irá explodir na Primeira Guerra Mundial e que aparece em *A montanha mágica*).

A outra narrativa, *O Gattopardo*, de Tomaso di Lampedusa, oferecia ainda mais possibilidades de articular sentidos às imagens que aparecem nos romances. Narrando a história do príncipe de Salina, Don Fabrizio, a trama passa por períodos fundamentais do *Risorgimento* (ou Ressurreição, época da unificação italiana). Publicado postumamente em 1958 (depois de quase 30 anos de pensamento sobre sua concepção), o romance apresenta uma família aristocrática de meados do século XIX. O impulso desagregador fomentado pela sociedade em formação na época determina a queda da aristocracia siciliana, que dará lugar ao sistema republicano (e burguês) na Itália pós-unificada. No romance, vemos entrar em declínio a sociedade em que os símbolos de nobreza tem validade (a aristocracia da qual faziam parte o príncipe Cobrera e a família do autor), mostrando

> a adesão do mundo aristocrático à materialidade da experiência, à singularidade de *moeurs* que só se transferem por laços de sangue (e não por abstratos contratos sociais, como no Estado burguês), desaparecendo com a morte de seus últimos representantes. (PINTO, 2000, p. 42)

Sintomática nesse sentido é a cena, pouco depois da instalação do novo regime, em que o príncipe-protagonista morre e a família restante (suas três filhas) se ocupa das ruínas daquilo que um dia foi sua nobreza: algumas joias falsas.

Em muitos aspectos, os romances até aqui tratados tem semelhanças. A decadência familiar toma lugar de destaque; o conflito de gerações tem centralidade e põe em destaque o movimento da diversidade social (apresentada muitas vezes como "desvio, falha"); a crise sociopolítica está como plano de fundo e, ao mesmo tempo,

influenciando a queda dos personagens. Seguindo a leitura da decadência familiar como uma resposta dos autores aos problemas enfrentados pela sociedade em que se inserem, escrevi, entre os anos de 2012 e 2013, textos que tratavam da "maldição familiar" – então já pensada como certa herança do pessimismo, decadentismo e conjuntura finissecular que ficavam marcados pelo "M" que iniciava grande maioria dos sobrenomes de famílias estudadas: Maias, Mattoso, Meneses, Machado Alves, Mau-Tempo[5].

Além dos aspectos da maldição, estudamos características da "disjunção parental" que aparecia em grande parte dos romances (pensando o intertexto entre narrativas que fazem referência a mitologias sobre a maldição que incide sobre os membros da família[6]). A pesquisa seguia então para os rumos finais, com a escrita da dissertação sobre os "Laços partidos: estudos da decadência familiar nos romances *Os Maias* (Eça de Queirós), *Os Buddenbrooks* (Thomas Mann) e *Cinzas do Norte* (Milton Hatoum)".

O impulso decadentista tomava forma cada vez mais elaborada diante do panorama da literatura que se abria. Cito definição precisa de Paulo Quaresma ao estudar *Crônica*, romance de Lúcio Cardoso:

---

[5] No romance *Levantado do Chão* (de 1980), Saramago recorre a três gerações da família Mau-Tempo para representar a formação do Alentejo. Citando o autor na orelha do livro: "Um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando terminasse: Isto é o Alentejo". O sobrenome já menciona o fado que essa família portuguesa deve carregar. Vítima da opressão econômica e social, vivendo um período de intensa crise política, o grupo familiar deve confrontar-se com a ordem estabelecida. No romance é narrada a luta de famílias (que representam o campesinato) contra o latifúndio dominante, para garantir os direitos básicos que fundarão a sociedade do Alentejo. O romance caracterizaria, segundo o autor, a realidade da formação dessa sociedade, cujo desenvolvimento é recoberto pela trama narrativa.

[6] Aí o foco passava então para narrativas que haviam sido incorporadas por problematizar a própria realização do laço familiar e sequência de gerações. Nesse sentido, *Cem anos de solidão* (de 1967), de Gabriel Garcia Marquez, por sua referência à mítica formação de uma cidade unida à formação familiar, oferecia outra faceta da ligação entre família, reprodução geracional problemática (a espiral evocado pelo rabo de porco no último descendente e pela repetição dos nomes) e sociedade. Por outro lado, o romance de José Saramago *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) faz clara referência à passagem crística e cria um Jesus em confronto com a ordem determinada pelo Pai. Nessa narrativa, o conflito entre pai e filho evoca uma situação humana geral: a guerra entre gerações, a incapacidade de compreensão e união para criar um laço social firme. Invertendo o clamor do Cristo bíblico, o Jesus do romance pede aos homens que perdoem a Deus, visto que "ele não sabe o que faz". No romance de Saramago, a imagem final é do fluxo do "rio de sangue e de sofrimento que (...) irá nascer e alagar toda a terra" ao lado da morte de Cristo. A narrativa já anuncia essa visão trágica: "Vem de longe e promete não ter fim a guerra entre pais e filhos, a herança das culpas, a rejeição do sangue, o sacrifício da inocência".

> a decadência pode ser entendida como resultado da quebra da continuidade público/privado, procedimento que altera o modo de organização do poder na medida em que foi afetada a própria natureza das relações sociais. Influências individualistas e coletivistas se apresentam como desagregadoras do sistema patriarcal. Nesse sentido, é a família, como grande força permanente na formação nacional e influência conservadora e disseminadora dos valores patriarcais, a grande ameaçada. (QUARESMA, 2007, p. 107)

A família desestruturada oferecia uma interpretação da descontinuidade do laço social e da relação problemática entre público e privado por meio da tragédia que acometia seus membros. Esse grupo, estrutura cultural a qual somos todos submetidos por um tácito contrato, é uma condição *sine qua non* da sociedade em que vivemos. Nessas narrativas, parece haver um destaque para o problema de toda conformação social (obviamente condensando características da sociedade a que referem), que encontra na família sua expressão mais concentrada. As famílias representadas obedecem às estruturas conservadoras que impõem sua existência como pilar da sociedade. Como consequência, o desvio das novas gerações deve ser rechaçado, pois esse grupo fechado procede pela exclusão de outras formas de determinação de laços afetivos ou de vivências individuais. Como afirmado pelo estudioso supracitado, "influências individualistas e coletivistas se apresentam como desagregadoras do sistema patriarcal". O ideal tirânico de família – tal como formulado e conservado pela psicanálise tradicional, pela necessidade do Estado e pelas orientações da Igreja – formulado através da "triangulação edipianizante", impede o aparecimento de novas formas de sociabilidade e a saída do ciclo trágico a que foi reduzido o grupo familiar[7].

[7] Diz-nos Deleuze e Guattari sobre o papel da família assim considerada e suas implicações: "é a síntese de registro, primeiramente, que põe, sobre a sua superfície de inscrição nas condições de Édipo, um eu determinável ou diferenciável em relação a imagens parentais que servem de coordenadas (mãe, pai). Há aí uma triangulação que, em sua essência, implica uma proibição constituinte, e que condiciona a diferenciação das pessoas: proibição do incesto com a mãe e de tomar o lugar do pai. Mas, é graças a um estranho raciocínio que se conclui que, já que isso é proibido, isso mesmo é que era desejado" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 97). Essa crítica é, em grande parte, retomada pela leitura de Judith Butler.

Referências

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada: edição crítica*. São Paulo: Allca XX/Scipione Cultural, 1997.

CONY, Carlos Heitor. *A tarde da sua ausência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LAMPEDUSA, Tomasi de. *O Gattopardo*. Tradução: Marina Colasanti. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MANN, Thomas. *Os Buddenbrooks*: *decadência duma família*. Rio de Janeiro: Bruguera, s.d. 2v.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien Años de Soledad*. Espanha: Santillana – Moderna, 2007.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PINTO, Manuel da Costa. *O outono da aristocracia*. **Revista *Cult***. Agosto de 2000, p. 42.

QUARESMA, Paulo Sergio Andrade. *A morte, os mortos e o morrer na Crônica da casa assassinada de Lúcio Cardoso*. 2007. 251 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2007.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ROSA, Machado. *Eça, discípulo de Machado? – Formação de Eça de Queiros (1875-1880)*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.